



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

SALOHANA OLIVEIRA SILVA

**A VISÃO DE WINNICOTT SOBRE A IMPORTÂNCIA
DO AFETO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA**

ARIQUEMES – RO

2014

Salohana Oliveira Silva

**A VISÃO DE WINNICOTT SOBRE A IMPORTÂNCIA
DO AFETO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes

Ariquemes– RO

2014

Salohana Oliveira Silva

A visão de Winnicott sobre a importância do afeto no primeiro ano de vida.

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Prof^ª Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientadora Ms. Ana Claudia Y. Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Eliane Alves Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof. Dr^ª Maila Beatriz Goellner
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 10 de novembro de 2014

Aos meus pais, Isabel e Ademir.

AGRADECIMENTOS

Quando decidimos alcançar um objetivo na vida, algumas decisões geram conseqüências e em cada escolha há perdas e ganhos sejam de pessoas, momentos e histórias. Tudo faz parte do crescimento e do amadurecimento. Algumas vezes é necessário abrir mão de algumas coisas para conseguir outras. Entretanto tudo contribui para que possamos ser cada vez melhores. Para alcançar os objetivos em determinadas etapas ocorrem alguns sacrifícios para finalmente acontecer vitória. Movida por diversos sentimentos é que agradeço as pessoas que exerceram um papel fundamental na trajetória que percorri para alcançar meu objetivo desejado.

Primeiramente a **Deus**, por ter me permitido a vida, amparada pelo seu amor que me sustenta a todo o momento, a cada respirar. O Deus que creio e gera a minha força, perseverança, que me enche de paz e amor, que renova a cada dia as minhas esperanças.

Aos **meus pais**, Isabel e Ademir que são a minha base de sustentação, que por muitas vezes deixaram seus sonhos de lado para a realização do meu sonho. Sem vocês não seria possível este sonho tornar-se realidade. Pai e Mãe sem vocês, hoje eu não estaria aqui, o meu amor por vocês transcende a tudo que é emocional, pois eu os amo a cada dia e os amarei para sempre, incondicionalmente.

Ao meu **irmão** Anderson por estar sempre comigo. Muitas vezes solicitou minha atenção e pela correria do dia a dia no cumprimento das minhas atividades negligenciei a atenção que esperava. Somos como um espelho um para o outro e você sabe o quanto me orgulho de ser a sua irmã.

A minha **afilhada** Melissa que mesmo tão pequena, tem uma importância gigantesca na minha vida, na minha caminhada. Quantas vezes sua presença, seu carinho e inocência de criança me deram forças para continuar firme e não desistir. O amor que sinto por você, por vezes foi como alimento - essencial.

Aos meus **amigos de turma**, indispensáveis para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês foram muito mais que meras pessoas dentro de uma sala de aula dividindo conhecimentos. Amigos, companheiros, seria impossível não agradecer, pelas

palavras ditas em momentos difíceis, pela ajuda, pelo amor e aceitação, pelo apoio, pelos sorrisos, pelas lágrimas. Estivemos juntos em tantos momentos e situações das quais antes eu não tinha noção do quanto eram importantes, principalmente me ensinaram a respeitar ao outro tal como são. Pelo amor, união, pela intensidade que somente juntos, temos. Nunca esquecerei nenhum de vocês meus amigos, que são únicos e espero que mesmo que nos distanciemos, pela ordem natural da vida, porém iremos saber que estaremos unidos e que a amizade que construímos com amor, nas horas boas e nas horas difíceis nem mesmo o tempo, ou a distancia irá modificar, pois pelo amor estaremos juntos para sempre e o que eu posso dizer a vocês meus amigos, obrigada, mil vezes obrigada.

Aos **meus professores**, aos que passaram e por motivos maiores não permaneceram, porém ensinaram muito. Em especial ao Prof. Ms. Roberson G. Casarin um exemplo para mim, de pessoa e profissional. Sua personalidade, auto-estima, otimismo, enfim, seu jeito único faz com que eu te veja cada dia mais como um espelho. A Prof. Dr^a. Maila Beatriz, que em tão pouco tempo de convivência me inspirou a admiração sem igual. Quando fraquejei, você me incentivou com palavras que me deram forças e me fizeram acreditar em mim, no meu potencial, me motivou a permanecer firme e focada, me incentivando quando nem eu mesma acreditava mais em mim. Então eu me pergunto e te pergunto também, porque você chegou só agora? Esta é uma pergunta que constantemente eu te faço, lembra? Muito obrigada. A coordenadora, supervisora e Prof^a. Ms. Carla Patrícia Rambo, que me transmitiu tantos conhecimentos dos quais levarei na minha bagagem de conhecimentos por toda a minha vida, permitiu-me viver e desenvolver sentimentos, sensações e emoções, antes desconhecidas. Aprendi e dividi momentos únicos com você que se tornaram inesquecíveis de tão grandes e de igual importância. Todos os meus mestres são exemplos a ser seguidos com muito orgulho por terem feito parte da minha formação como profissional e como pessoa, agradeço imensamente, muito obrigada.

A **minha Orientadora** Prof^a. Ms. Ana Claudia pela disponibilização em me ajudar participando da minha trajetória, a sua presença foi fundamental. Seus conhecimentos e sua dedicação essenciais para minha formação. Obrigada por acreditar e não desistir de mim. Os meus sinceros agradecimento pela sua ajuda. Muito Obrigada!

Ao meu amigo, **Jonhison Andrade** por toda paciência com que se prontificou a permanecer ao meu lado. Foram muitas as vezes que me ouviu e ficou ao meu lado com incentivos me dizendo que conseguiria. A força que me impulsionou proporcionando amenizar os momentos difíceis fez toda a diferença. Incentivando sempre meus sonhos, minha capacidade e meu futuro profissional. Acreditando sempre em mim. Obrigada.

A todos **meus amigos** que no decorrer destes cinco anos se fizeram presentes direta ou indiretamente. Por muitas vezes entenderam a minha ausência devido à correria da faculdade, mesmo assim, não me deixaram. A cada mensagem, ligação, saída rápida, a cada abraço e entendimento nesta fase da minha vida. Todos vocês meus amigos tem uma importância inenarrável.

“O mundo despedaça todas as pessoas, e posteriormente, muitos se tornam fortes nos lugares partidos.”

Hemingway

RESUMO

O presente trabalho traz considerações sobre o primeiro ano de vida do indivíduo. A Psicanálise é a abordagem na qual se acredita na importância das relações primárias, todavia, Freud como fundador da Psicanálise, não se aprofundou na teoria do desenvolvimento infantil. Por esse motivo, a base teórica deste trabalho será psicanalítica, porém sobre os preceitos da teoria do desenvolvimento emocional infantil desenvolvida por Winnicott, com o intuito de descrever o papel da participação contínua, saudável e fundamental da mãe suficientemente boa, na construção da base da saúde mental adulta do indivíduo. A investigação utilizada no trabalho foi pesquisa bibliográfica, sendo consultados livros, revistas científicas e artigos em rede eletrônica, buscando estudos sobre assuntos que se relacionam com a temática escolhida. Como por exemplo: a teoria do desenvolvimento de Winnicott; a influência dos vínculos primários; e a importância do afeto para o desenvolvimento da saúde mental futura. Concluindo-se que o bebê que recebe os cuidados primários no decorrer do primeiro ano de vida, através da mãe/cuidador, de maneira satisfatória detém de um futuro muito mais promissor do que um bebê que não recebe os mesmos cuidados.

Palavras-chave: Winnicott; Teoria do Desenvolvimento; Afeto; Saúde Mental.

ABSTRACT

The present study brings considerations about the individual's first birthday. The psychoanalysis is the theory that believes in the importance of primary relations. However Freud, as psychoanalysis founder, have not been furthe in the infant development theory. For this reason, the theoretical basis of this study will be psychoanalytic, however about precepts of the infant emotional development theory developed by Winnicott. With intention to describe the continuous participation, healthy and fundamental role of the sufficiently mother, in the mental health basis building of the adult individual. The investigation used in the study was the bibliographic search, being consulted in books, scientific magazines and articles in eletronic networks. Seeking studies about subjects that relate with the chosen theme, for example, the Winnicott development theory, the primary bonds influence and the affection importance to the future mental healthy development. Concluding that the baby receives primary care during the first year of life, through the mother / caregiver, satisfactorily holds a much brighter future than a baby who does not receive the same care.

Key words: Winnicott; Development Theory; Affection; Mental Healthy.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
OBJETIVOS	14
GERAL.....	14
ESPECÍFICOS	14
METODOLOGIA	15
REVISÃO DE LITERATURA	16
4.1 A PERCEPÇÃO DA MÃE/CUIDADOR SOBRE A CRIANÇA: FANTASIAS DA MÃE - PERSPECTIVAS BOAS E RUINS	16
4.2 ACEITAÇÃO – GRAVIDEZ	17
4.3 OLHAR PARA O BEBÊ.....	18
4.4 CUIDADO (HANDLING – HOLDING)	19
4.5 A PERCEPÇÃO DA CRIANÇA ACERCA DA MÃE/CUIDADOR.....	21
4.6 PERCEPÇÃO DE ACOLHIMENTO VISTA PELO BEBÊ	22
4.7 A INFLUÊNCIA DO AFETO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	22
4.8 O NORMAL E O PATOLÓGICO A DÍADE MÃE-BEBÊ	23
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE.....	30

INTRODUÇÃO

A teoria psicanalítica valoriza sobremaneira, a importância das primeiras relações na vida do bebê para o seu desenvolvimento.

Segundo Brum e Schermann (2004, p.458):

Freud em seu artigo 'Instintos e suas vicissitudes', escrito em 1915, argumenta que a criança possui necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto, e que o bebê se torna interessado em uma figura humana, especificamente a mãe, por ela ser a fonte de sua satisfação.

Depois da teoria psicanalítica advinda de Freud, vários outros teóricos foram surgindo e desenvolvendo novas teorias que acrescentaram na Psicanálise.

Winnicott foi um psicanalista que diferente da teoria Freudiana, acreditava que o bebê desde o seu nascimento necessitava de sua mãe, e que tal necessidade não derivava apenas em suprir suas necessidades fisiológicas, como alimentação e higiene, mas também como meio de interação do mesmo com o mundo que para ele ainda é desconhecido, onde ele deixa de ser totalmente dependente da mãe para criar sua própria independência. Conforme Santos pontua (1999): "Winnicott formulou uma concepção sobre a constituição do mundo interno bastante original, afastando-se da doutrina freudiana à medida que não recorre à teoria pulsional."

Pode-se dizer também sobre a teoria de Winnicott que não é possível se pensar no bebê, sem antes pensar em alguém para ajudá-lo, e por consequência num ambiente facilitador. Por esse motivo, podemos dizer que o bebê passa por inúmeras transformações no decorrer do seu desenvolvimento inicial, passando de um estágio de total dependência para sua independência. É importante deixar claro que Winnicott não é um continuador de Freud, tornando-se assim um importante teórico para os estudos em Psicanálise infantil.

A partir de inúmeras transformações sociais e históricas, ao longo do tempo, fez com que vários pesquisadores começassem realizar diversos estudos retratando a importância das relações primárias e o contato entre a mãe e o bebê. Foi então que se passou a valorizar e estudar mais profundamente o significado e importância dessas relações. As reflexões teóricas deste trabalho terão como base dois importantes psicanalistas que versam sobre o desenvolvimento infantil: Donald Winnicott e René Spitz.

O primeiro ano de vida do indivíduo é considerado o mais importante para o seu desenvolvimento. Segundo Spitz (1987, p.81):

O primeiro ano de vida é o período mais plástico no desenvolvimento humano. O homem nasce com um mínimo de padrões de comportamento pré-formados e deve adquirir incontáveis habilidades no decorrer do seu primeiro ano de vida. Nunca mais na vida tanto será aprendido em tão pouco tempo.

O primeiro ano de vida é importante não somente devido sua plasticidade, mas também por ser uma etapa formadora da personalidade futura; contribui assim para a determinação das formas primárias de comportamentos do indivíduo. Diante disso torna-se imprescindível justificar a importância de estudar essa fase inicial do desenvolvimento. Porém por ser um assunto bastante complexo e amplo, o presente trabalho não irá abranger todas as questões relevantes a este assunto. Pretendendo-se estudar as principais importâncias e influências dos cuidados primários para o desenvolvimento do bebê, enfatizando a importância da relação com a mãe/cuidador.

OBJETIVOS

GERAL

Elucidar a importância dos cuidados primários para formação de padrões de comportamentos na vida adulta.

ESPECÍFICOS

Descrever as dimensões da relação mãe-bebê;

Compreender a importância do papel da mãe/cuidador no desenvolvimento inicial infantil;

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter descritivo. A realização desta pesquisa bibliográfica envolveu a seleção de bases de dados eletrônicos, a seleção de indexadores, a busca propriamente dita e o filtro por interesses.

Optou-se pela utilização das bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), da Scielo Brasil, Pepsic, e de livros considerados relevantes na área de estudo. Os descritores utilizados foram: Winnicott; teoria do desenvolvimento; importância do afeto; e saúde mental. Tais descritores foram considerados apropriados por cumprir todos os critérios tidos como necessários para a construção do objeto de estudo.

A realização da busca primeiramente foi feita no site da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), onde foi possível encontrar alguns artigos para a seleção de dados, após a busca persistiu no site Pepsic, no site Scielo e em livros. A pesquisa se realizou no período de abril a outubro de 2014. O delineamento dos referenciais compreendeu aqueles trabalhos publicados em língua portuguesa. Os artigos encontrados nos sites totalizaram vinte e oito estudos, mas utilizado para a pesquisa foram seis, sendo artigos específicos nos dados da pesquisa. Foi realizada a leitura de quatro livros, sendo utilizados três destes.

Após a leitura dos artigos e livros, foram excluídos aqueles que não possuíam relação com a temática estudada e/ou que não acatavam aos critérios de inclusão. Os critérios de inclusão eram todos que abordassem os descritores anteriormente descritos e em língua vernácula. Os excluídos foram os que abordavam a pesquisa fora do contexto psicanalítico e aqueles que abarcavam a teoria do desenvolvimento de Winnicott escritos em outros idiomas que não o português.

REVISÃO DE LITERATURA

Para fins didáticos e melhor compreensão da mescla que é o processo entre mãe e bebê, serão subdivididos os componentes dessa relação inicial.

4.1 A PERCEPÇÃO DA MÃE/CUIDADOR SOBRE A CRIANÇA: FANTASIAS DA MÃE - PERSPECTIVAS BOAS E RUINS

A maioria das mulheres possui o desejo de ter filhos. Isso se deve a distintos fatores. Pode ser devido à orientação familiar, influência religiosa e/ou social, entre outros, como o desejo inato de conceber um filho. Portanto, a partir desse desejo, vários são os pensamentos, ideias, fantasias, expectativas, dentre outros sobre as consequências de gerar um filho, de manter e lidar com o bebê que pode ou já está por vir. Durante esse período de descobertas, a mãe passa por inúmeras mudanças, ocorrem diversos pensamentos e cria-se uma expectativa sobre o bebê. Algumas vezes a mãe cria fantasias que nem sempre corresponde ao real, o que pode tornar-se uma experiência boa ou frustrante para mãe e influenciar na forma como cuida do bebê.

Nesse contexto, Stern (1990) *apud* Secunho (2010, p.6):

aponta três aspectos que envolvem a relação entre mãe e bebê, cujos efeitos podem causar temores e fantasias: vida e crescimento, que diz respeito à capacidade da mãe de manter seu filho vivo e possibilitar seu desenvolvimento; a relação primária, que significa a capacidade de a mãe criar laços fortes com seu bebê, através de uma relação afetiva genuína e coordenada; a matriz do apoio, que se refere à capacidade da mãe de proporcionar ao bebê um apoio seguro, afetivo e satisfatório. Não havendo esse nicho adequado, o resultado pode levar uma criança a não desenvolver sua capacidade de resistir e de sobrepor-se aos infortúnios, tornando-se antecipadamente incapaz.

Por isso existe um período de nove meses de gestação antes que a mãe receba o bebê. Período esse onde a mesma pode se preparar para as mudanças e se adaptar ao seu novo mundo.

Para que possamos entender devidos comportamentos e reações que algumas mães possuem sobre o bebê que está por vir, devemos levar sempre em consideração a história de vida da mãe. A base familiar, como a mãe vê, percebe e sente o bebê, se existe um pai e se o mesmo se faz presente de alguma forma, se a gravidez foi ou não planejada - são informações que podem nos ajudar a entender inúmeros comportamentos.

Winnicott na sua teoria conserva a idéia de que o bebê não é uma única pessoa, separado de sua mãe, e que a mãe é o primeiro ambiente do qual o bebê será inserido. Portanto, através da maneira como a mãe irá oferecer os cuidados necessários ao bebê, conseqüentemente estará formando sua saúde mental futura. É o que nos esclarece Santos (1999):

Winnicott (1945/1978) enfatiza que no princípio o bebê não constitui uma unidade em si mesmo. A unidade corresponde a uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente. A base da saúde mental é estabelecida nos primórdios da infância pelo provimento de cuidados dispensados à criança por uma mãe suficientemente boa.

A começar do momento intra-uterino, seguindo até o nascimento e continuamente, a mãe é o primeiro contato que o bebê possui. Valler (1990) *apud* Secunho (2010) resume que “a mãe suficientemente boa é o ambiente favorável”. Ou seja, a mãe por ser o primeiro e na maioria das vezes o principal contato do bebê, se faz responsável por estabelecer condições apropriadas para seu desenvolvimento. A mãe suficientemente boa deve acolher as necessidades reais do bebê, sem se confundir com as suas necessidades de mãe.

4.2 ACEITAÇÃO – GRAVIDEZ

Na teoria winnicottiana utiliza-se do termo chamado de mãe suficientemente boa. Isso não quer dizer que tenha que ser uma mãe permissiva e que faça somente o bem, mas sim uma mãe saudável que seja capaz de atender corretamente as necessidades do seu bebê, oferecendo a proteção, atenção, cuidado, aceitação e apoio necessários para o seu bom desenvolvimento (WINNICOTT, 2002, p.6).

A mãe tem uma participação essencial na vida do bebê, porém ela também necessita de suporte para que possa realizar de forma natural e satisfatória seu importante papel no desenvolvimento do mesmo (WINNICOTT, 2002, p.4). O pai

torna-se figura fundamental neste momento, dando base e subsídio à mãe que está em um momento de descobertas e novidades sobre a gravidez. A participação do pai faz total diferença para a forma como a mãe pode reagir a essa nova fase da qual está se iniciando. Winnicott (2002, p. 22) já dizia que “o fato cada vez mais comum de o pai poder estar presente quando um bebê está nascendo é um dos mais importantes avanços de nossa época [...]”. Além de dar suporte para a mãe, o momento de participação do pai, contribui também para que o mesmo possa sentir e entender o valor dos primeiros momentos com o bebê. Vale ressaltar que pouco se é falado sobre o pai na teoria winnicottiana. Porém ele cita o apoio que a mãe deve receber, mesmo que não exista um pai presente, dos familiares e pessoas mais próximas para que ela possa contribuir de maneira saudável para o desenvolvimento do bebê.

4.3 OLHAR PARA O BEBÊ

Se existe um momento de suma importância e extremamente gratificante tanto para a mãe saudável quanto para o bebê, é o momento da amamentação, onde o vínculo entre os dois se torna cada vez mais forte e único. A maneira como a mãe se dedica a esse momento tão íntimo entre eles, faz com que o bebê se sinta importante e seguro nessa relação de troca.

O momento no qual a mãe irá alimentar seu filho, seja através do seio ou até mesmo a mamadeira, deve ser um acontecimento ímpar e dedicado ao bebê. É necessário que a mãe possa não somente *ver* o bebê, mas sim, *olhar* profundamente para que a mesma possa compreender a real necessidade dele, até que momento ele realmente precisa do alimento em si, e quando ele necessita apenas do reconhecimento de suas características e do contato (WINNICOTT, 2002, p.24-25).

Quando se fala sobre amamentação, não quer dizer somente sobre do seio em si, mas a forma como acontece esse momento. Winnicott (2002, p. 21) deixa claro que “enquanto evidência dos cuidados prestados ao bebê pode dizer, por exemplo, que o ato de segurá-lo e manipulá-lo são mais importantes, em termos vitais, do que a experiência concreta da amamentação.” Ou seja, a importância não

está somente na alimentação e na forma como é alimentado; para seu desenvolvimento saudável até mesmo a forma pela qual o mesmo é colocado no colo e segurado faz total diferença, ajudando em sua sensação de segurança. O bebê precisa se sentir seguro na maneira pela qual está sendo segurado. O mesmo tem uma percepção incrível, a ponto de conseguir sentir quando alguém diferente o pega no colo.

Ainda nesse contexto, WINNICOTT (2002, p.23) refere-se sobre algumas mães, que talvez pelo organismo, história de vida ou alguma dificuldade pessoal, não conseguem amamentar seu filho através do seu próprio seio. Isso não significa que ela não possa ser uma mãe suficientemente boa e que o bebê sofra consequências por esse motivo. Na verdade, se o movimento da mãe de amamentar não acontecer naturalmente, o correto seria não forçar essa situação, insistindo em algo que ela não dá conta, afinal isso sim poderia se tornar uma experiência frustrante tanto para mãe quanto para o bebê.

Mesmo se por ventura a amamentação não for possível acontecer através do seio, existe diferentes maneiras nas quais pode existir o contato íntimo entre a mãe e o bebê. “O fato de a mãe e seu bebê olharem-se nos olhos, que é uma característica do estágio inicial, é algo que absolutamente não depende do uso do verdadeiro seio.” (Winnicott, 2002, p. 25). Pode-se complementar ainda sobre isso que, a partir do momento que os dois conseguem conciliar a condição da alimentação, está criando um bom suporte em suas relações humanas, tornando esta situação importante para desenvolvimento futuro do bebê em diversos tipos de relacionamentos. “É a partir daí que se estabelece o padrão da capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e com o mundo.” (Winnicott, 2002, p.55).

A capacidade da mãe de conseguir praticar o amparo necessário, identificando, percebendo e adaptando-se às reais necessidades do bebê, coopera para o processo de amadurecimento do mesmo, influenciando na confiança que ele adquire com as pessoas e o mundo e na construção de sua saúde mental.

4.4 CUIDADO (HANDLING – HOLDING)

Winnicott, em sua teoria aplica dois termos de suma importância para o desenvolvimento emocional infantil. São eles chamados de *Holding* e *Handling*. O que dizer sobre o *holding*?

Como já citado anteriormente, a mãe exerce função fundamental para o desenvolvimento do bebê. Já falamos também sobre a importância do olhar, da amamentação e a forma como o bebê é segurado. *Holding* nada mais é que segurar o bebê. Ou seja, a maneira pela qual a mãe ou cuidador irá oferecer uma sustentabilidade para o bebê. É através do *holding* que o bebê sente-se seguro, amado e protegido, o que favorece para a formação do ego e contribui para o seu desenvolvimento saudável, sentindo-se seguro, maduro e confiante e, por consequência desse processo, torna-se autêntico e independente. “A base da personalidade estará sendo bem assentada se o bebê for segurado de uma forma satisfatória.” (Winnicott, 2002, p.54).

Subsequente ao *holding* está o *handling*. Um aperfeiçoa o outro. *Handling*, nada mais é que a maneira como o bebê é manipulado, cuidado pela mãe; a maneira pela qual o bebê irá sentir e ter contato físico com a mãe, podendo assim ter entendimento sobre seu próprio corpo.

Ao unir estes dois temas de grande importância na teoria winnicottiana, é possível afirmar que “é o ato físico de segurar a estrutura física do bebê que vai resultar em circunstâncias satisfatórias ou desfavoráveis em termos psicológicos.” (Winnicott, 2002, p.54). A mãe suficientemente boa saberá segurar seu filho da melhor forma possível, sem apertá-lo ou até mesmo com medo de derrubá-lo, ajustando seu corpo ao do bebê, conforme suas necessidades e movimentos. Mesmo quando muito pequenos, os bebês conseguem diferenciar o colo da mãe com o de outras pessoas, e por isso muitas vezes somente a mãe consegue acalmar o bebê. Winnicott (2002, p. 15) diz que “o bebê sente a sua respiração, e do seu hálito e de sua pele irradia-se um calor que leva o bebê a sentir que é agradável estar em seu colo.”

Iniciam a vida capazes de fazer discriminações importantes e de localizar objetos por meio de várias indicações perceptivas. São capazes de realizá-las pelo olhar, de identificar a voz do pai e da mãe. Pelo sexto dia de vida, um bebê já é capaz de identificar o cheiro da mãe. O paladar também é altamente desenvolvido em bebês após o nascimento. Eles gostam do conforto, da proximidade, e irão com frequência moldar-se ao corpo de seus pais. (Brum; Schermann, 2004, p.459).

Sabe-se, portanto, que a partir dos primeiros contatos afetivos e físicos o bebê já consegue reconhecer seus pais, através da voz, cheiro, e contato.

4.5 A PERCEPÇÃO DA CRIANÇA ACERCA DA MÃE/CUIDADOR

Não há possibilidade de se pensar no bebê sem levar em conta também o ambiente que o mesmo está inserido, e posteriormente a mãe.

Nos primeiros dias o bebê sente-se perdido em meio a tantas mudanças, a ruptura brusca do nascimento afasta-o do corpo da mãe e entra em contato com a atmosfera do ambiente onde existe o som, o ar e o bebê se sente solto sem a proteção do ambiente uterino que era seu lugar seguro, entra em contato com o mundo totalmente novo, em todos os sentidos para ele. Em meio a esse sentimento de confusão torna-se proeminente a forma de compreender a relação entre o bebê e seu ambiente, no qual está inserido a mãe ou seu cuidador principal, a fim de conseguir identificar de que modo se estabelece a comunicação do bebê.

Logo após o nascimento, o bebê não consegue separar e diferenciar sua própria pessoa com a de sua mãe. Para ele, os dois são apenas um.

Para o recém-nascido, o meio ambiente consiste, por assim dizer, em um único indivíduo, a mãe ou um substituto dela. Mesmo este único indivíduo não é percebido pelo recém-nascido como uma entidade distinta dele mesmo. É simplesmente parte da totalidade de suas necessidades e de suas gratificações. (Spitz, 1987, p. 10).

O bebê não nasce com seu ego formado. É algo que vai se expandindo ao longo do tempo e a mãe, por ser o indivíduo mais próximo e por ser considerada como o ambiente favorável do bebê, é a responsável por contribuir para a formação do ego. Sendo assim Spitz (1987, p.136) afirma que “até que a criança desenvolva uma estrutura organizada do ego, a mãe desempenha as funções de ego da criança.” Nesse mesmo sentido, Winnicott (1988/2002, p. 9) diz que “o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê. Como o tempo, o bebê torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade, e até mesmo experimentar um sentimento de identidade pessoal.” Secunho (2010, p.130) complementa dizendo que “se os cuidados da figura materna se revelam suficientemente bons, ele mantém um crescimento contínuo que possibilita a maturação e a evolução do ego.” Nesse

sentido, além da formação do ego, a mãe saudável está construindo também a saúde mental do bebê.

4.6 PERCEPÇÃO DE ACOLHIMENTO VISTA PELO BEBÊ

Através do *Holding*, já descrito acima, o bebê percebe e sente o colo da mãe conseguindo, assim, se sentir mais tranquilo e satisfeito. A maneira como é segurado faz com que ele possa sentir ou não segurança e confiança em quem está lhe segurando. Um momento que essa percepção torna-se mais evidente é o momento da alimentação para o bebê, quando além de saciar sua necessidade fisiológica de alimento, sacia também sua necessidade de atenção e afeto, o que faz desse momento o mais importante e significativo para o bebê. É nesse instante onde o vínculo entre a mãe e o bebê se torna maior e único. Spitz (1998, p.30) já dizia que “na terceira ou quarta semana, a criança mantém os olhos abertos durante parte do período de alimentação, e fita firmemente o rosto da mãe até que esteja saciada.” O momento da amamentação deve acontecer naturalmente, sem forçar a mãe e o bebê para que consigam ter resultados rápidos. Esse momento é um processo que a cada dia vai se tornando melhor e mais agradável tanto para a mãe, quanto para o bebê. Se isso não ocorrer, naturalmente, conforme as necessidades e particularidades da díade mãe-bebê será por meio do choro que o bebê demonstrará sua insatisfação. Como explica Winnicott (2002, p.24) “para alguns bebês as experiências ligadas à alimentação são tão enfadonhas que deve ser um grande alívio chorar de raiva e frustração, o que, de qualquer modo, é real e necessariamente envolve a personalidade toda.”

4.7 A INFLUÊNCIA DO AFETO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ao longo do tempo, várias foram as modificações históricas que ocorreram no que se refere aos primeiros anos de vida e a influência dos cuidados primários para o desenvolvimento saudável da saúde mental do indivíduo. Segundo (LOPARIC,

1999, p.22) na teoria winnicottiana, a forma como acontece a relação de integração do bebê com seu meio têm influência fundamental na maneira como isso irá contribuir de maneira saudável ou não para a formação de um bom desenvolvimento.

Mas diante de tudo que acima foi mencionado pela teoria de Winnicott e de alguns autores utilizados neste trabalho, o que pode ser chamado de afeto?

Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa (2001) afeto é definido como: afeição, amizade, amor. Portanto, mesmo que Winnicott em sua teoria não utilize a palavra afeto, ele descreve em seu trabalho a relevância dos cuidados primários. Ou seja, diante a definição de afeto e da teoria de Winnicott, pode-se dizer que os cuidados primários, sejam uma forma de afeto entre a mãe e o bebê. Pois, quando saudável, existe nessa relação amor, tornando os cuidados primários um afeto importante.

É perceptível na teoria winnicottiana o quanto é de extrema importância e valor a presença da mãe/cuidador no início do desenvolvimento humano. Porém, não pode se pensar que esse seja um assunto fácil de ser trabalhado, devido a sua amplitude. Quando fala-se de afeto não há possibilidade de se dizer a medida correta para cada um, em cada situação. Cada indivíduo tem suas necessidades, condições, e por consequência uma forma de afeto.

“No sujeito vivo, e particularmente no homem, afetos, agora e sempre, servem para explicar comportamentos e acontecimentos psicológicos. E os afetos até hoje têm desafiado a mensuração.” (Spitz, 1987, p.64).

Assim como Winnicott nunca teve a intenção de ensinar a mãe/cuidador como agir e comportar-se diante do bebê, o objetivo deste estudo também em momento algum perpassa por este caminho. Antes mesmo de atingir essa dimensão pedagógica faz-se necessário examinar de que forma os requisitos envolvidos no relacionamento entre mãe-bebê influenciam no desenvolvimento da personalidade deste último.

4.8 O NORMAL E O PATOLÓGICO A DÍADE MÃE-BEBÊ

A maior e mais importante relação no início da vida do bebê, é a relação com sua mãe. A mãe é indispensável para o desenvolvimento saudável ou não do psiquismo do bebê. Winnicott em sua teoria descreve extensamente sobre o processo completo da influência da mãe para o desenvolvimento patológico do indivíduo, e através disso é possível compreender o quanto a maneira, o contato e atenção são de extrema importância para que o bebê sinta-se seguro, amado e capaz de manter-se no mundo que ele aprende ser além dele mesmo.

Já foi dito anteriormente que, para a melhor compreensão de alguns comportamentos das mães diante a gravidez e suas consequências, faz-se necessário avaliar a história de vida da mãe: a hereditariedade, família, o meio social que convive, religião, pensamento sobre gravidez e ter filhos, entre outras, são informações que contribuem para levar ao entendimento de alguns comportamentos e conseqüentemente realizar uma análise precisa e completa.

A mãe saudável consegue atender corretamente as necessidades do seu filho, vivenciando cada fase da qual ela e o bebê passaram. Desde o momento da gravidez onde incontáveis transformações ocorrem, passando pelo momento do nascimento - momento esse, que tanto para a mãe, quanto para o bebê é extremamente delicado - e assim por diante, durante o desenvolvimento do bebê e em conjunto o desenvolvimento da mãe, a mãe suficientemente boa consegue entender que seu filho é parte de si. Porém, ela se dá conta de que ele precisa tornar-se independente e formar seu próprio ego. A mãe saudável participa de cada etapa pela qual o bebê irá passar, dando o suporte necessário para que ele aprenda que é um ser separado, que existe um mundo além daquele que ele imaginava, e que existem outras pessoas e objetos. Ela consegue transmitir ao filho segurança, proteção, amor, tranquilidade, atenção, entre outros sentimentos que são de extrema importância para que o bebê possa se desenvolver de forma saudável. Para tanto, irá utilizar da sua sabedoria para não transferir ao bebê seus próprios sentimentos que não lhe fazem bem, entre eles insegurança, tristeza, medo, de forma que esses não interfiram no desenvolvimento da personalidade do bebê. Portanto, Spitz (1987, p.153) descreve que “na relação mãe-filho, a mãe é o parceiro ativo e dominante. A criança, pelo menos no início, é a receptora passiva. [Situando ainda que] (...) distúrbios da personalidade materna se refletirão nas perturbações da criança.” Pode-se dizer então, que se a mãe estiver com problemas, e não

conseguir separar isso na maneira com tratar o bebê, seus comportamentos irão se reproduzir no desenvolvimento do mesmo.

Conforme pontua Secunho (2010, p.134):

A base da saúde mental adulta é construída na infância e na adolescência. A saúde mental do bebê e da criança pequena está associada à relação calorosa e continua com a mãe, na qual os dois devem encontrar satisfação e prazer.

Essa relação de díade com a mãe, no decorrer dos primeiros anos de vida, estendida de incontáveis maneiras pelas relações com o pai e familiares, são influências determinantes para a comunidade científica no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e saúde mental.

Portanto, a título de exemplificação da influência do cuidado materno na formação da personalidade do bebê, será mencionado sobre o caso do psicótico, em especial esquizofrênico, como sendo resultado do relacionamento mãe-bebê não se dar de forma satisfatória. Nesses casos, a mãe não sendo suficientemente boa ou não desempenhando um papel saudável de cuidado, não possibilita ao bebê à passagem da vivência de satisfação a onipotência. (WINNICOTT, 2002, p. 34)

Entende-se que Winnicott (2002, p. 31) refere-se a um bebê que não foi segurado (*Holding*) por sua mãe/cuidador de maneira suficientemente boa. Nesse caso a mãe não conseguiu adaptar-se às necessidades básicas e realizar o papel de ego auxiliador ao bebê, provocando nele um desenvolvimento danificado e adiado, deixando ainda um princípio de agonia que se fará presente no decorrer de sua vida. Pereira e Berlinck (2006) dizem que “a criança em meio a modificações no seu ambiente interrompe a continuidade de ser, perdendo sua sensação de existir, pois não houve um suporte egóico da mãe para proteção do self.” A partir disso o bebê desenvolve um ego frágil, precoce.

É nesse momento que o bebê ainda não constituiu seu próprio ego, que ele cria sua proteção própria, como forma de defesa sobre suas aflições e ansiedades, provocando um distanciamento do ambiente, que para ele torna-se intrusivo, como forma de defender-se, criando assim, seu próprio mundo interno, único e individual, retraindo-se (PEREIRA E BERLINCK, 2006). Este movimento é uma particularidade da criança psicótica, desintegrando-se o mundo externo que está a sua volta. Sendo assim, Pereira e Berlinck (2006):

(...) em oposição à devoção, a carência de cuidados, ou a incapacidade da mãe de proporcionar um ambiente facilitador surge como um risco de interferência no processo de desenvolvimento saudável do bebê.

Nesse mesmo contexto, os mesmos autores continuam dizendo que “se o bebê sofrer uma interrupção em sua continuidade de ser quando há a intrusão violenta do ambiente e falha na adaptação às suas necessidades, a esquizofrenia surgirá.”

Winnicott (2002, p.37) utiliza também em sua teoria o que ele chama de *Reflexo de Moro*, que nada mais é que o ato de segurar erroneamente o bebê, causando uma resposta reflexa para o bebê. Ex: Se ao pegar o bebê no colo, a mãe/cuidador deixar sua cabeça suspender para o lado, não conseguindo dar o apoio necessário, acolhendo-o em seus braços de maneira que ele não se sinta seguro, causará uma experiência frustrante, podendo ter resultados futuros. “Segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação, e segurá-la mal significa uma incessante interrupção destes processos, devido às reações do bebê às quebras de adaptação.” (Winnicott, 2002, p.54). No momento que isso ocorre o bebê sente-se como se estivesse partido, fragmentado, podendo ocasionar-lhe uma cisão em sua personalidade. Não significa que se isso ocorrer apenas uma vez, imediatamente irá causar danos para o desenvolvimento do bebê, porém se ele passar por essa experiência diversas vezes, sim.

Na concepção winnicottiana, a criança torna-se psicótica quando há uma cisão da personalidade, nos estágios iniciais, originada de um fracasso ambiental nos cuidados essenciais à sua vida, quando existe uma intrusão violenta do ambiente, interrompendo a continuidade de ser da criança. (Pereira e Berlinck, 2006).

A partir do momento que ocorre essa cisão, o indivíduo desenvolve uma propensão a criar defesas diante seus sentimentos. "A psicose representa uma organização das defesas, e por trás de toda defesa organizada há a ameaça de confusão, que constitui na verdade uma ruptura da integração". (WINNICOTT, 2001 *apud* Pereira e Berlinck, 2006).

Santos (1999) complementa ainda que:

o que tipifica a psicose, na visão winnicottiana, não são os mecanismos psíquicos, nem o tipo de ansiedade em jogo, mas as *defesas* primitivas, que não teriam de ser organizadas nos estágios subsequentes do desenvolvimento caso houvesse, nas etapas mais precoces de dependência quase absoluta, a provisão suficientemente boa.

É à frente destas informações que se torna possível perceber os problemas que podem ser causados se houver falhas na adaptação da mãe referente aos cuidados com seu bebê.

(...) essas reações geram distúrbios de natureza psicótica, a esquizofrenia surgirá neste primeiro estágio do desenvolvimento, a partir de organizações psicológicas como: adiamentos, distorções, regressões e conflitos durante os estágios iniciais, na relação mãe-bebê. (WINNICOTT, 2000 *apud* Pereira; Berlinck, 2006).

Nota-se sobre esse exemplo então, que “um fracasso da devoção materna de cuidar do bebê predispõe ao desencadeamento da esquizofrenia infantil.” (Pereira e Berlinck, 2006) sendo possível perceber de que forma a constituição de personalidade do bebê implica-se nas relações primárias. Desta forma, apesar da temática aqui presente não deter uma heurística pedagógica, em último termo os estudos das influências das relações primárias para a constituição de um psiquismo saudável poderiam vir a contribuir desta forma instrumental.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, através de estudos que, não existem formas *prontas, corretas e concretas* de como cuidar e conduzir o desenvolvimento no que se refere a criar um bebê. Porém, é notável a diferença e influência causada pelos cuidados nos primeiros anos de vida de uma criança. O bebê cuidado por uma mãe saudável detém um futuro muito mais promissor, do que um bebê que não possui os mesmos cuidados. Cuidados esses que são imprescindíveis para o seu desenvolvimento, para a formação da personalidade e para a saúde mental do indivíduo. Falhas no desenvolvimento infantil, cuidado ministrado no início pela mãe; podem acarretar até mesmo em uma patologia no futuro. Foi possível esclarecer que a importância dos primeiros cuidados oferecidos ao bebê no decorrer dos primeiros meses de vida refere-se à formação da personalidade através da interação com a mãe ou cuidador.

a psicose constitui-se nos estágios iniciais da vida e prossegue por fases que vai da primeira infância até atingir um estado adulto. No início a criança é o conjunto mãe-bebê e é dessa inter-relação que dependerá a saúde mental do indivíduo. (Pereira e Berlinck, 2006).

Através das pesquisas e dos estudos, não se pode dizer que o indivíduo deve e só pode vivenciar sentimentos bons para ter um desenvolvimento saudável. Pelo contrário, sentimentos de frustração, medo, inquietude, conflitos são necessários e fazem parte do desenvolvimento. Não existem fórmulas de mãe/cuidador - ambiente perfeita. E isso deve ficar claro. Todavia, há maneiras de realizar os cuidados primários de forma que sejam saudáveis, tanto para a mãe, quanto para o bebê. O início da vida do indivíduo é de extrema importância para a sua trajetória desde a infância até a maturidade, pois o ser humano está em constante desenvolvendo durante o crescimento. “Nos estágios posteriores, um longo percurso é feito, mas tudo o que for feito neles só terá bons resultados se o início tiver sido satisfatório.” (Winnicott, 2002, p.10).

REFERÊNCIAS

BRUM, E. H. M; Schermann, L. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, RS, 2003, p. 457-467, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. Editora Nova Fronteira, 4º Ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PEREIRA, Cristiane Alves e BERLINCK, Luciana Chauí. Pensamento winnicottiano acerca da esquizofrenia infantil. **Psicol. Am. Lat.** [online]. 2006, n.8. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X200600040006>. Acesso em: 26 de outubro 2014.

LOPARIC, Zeljko. A Teoria Winnicottiana do amadurecimento pessoal. **Infanto – Rev. Neuropsiq. Da Inf. e Adol.** p.21-23, 1999.

SANTOS, M. A. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 1999, vol.12, n.3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79721999000300005>. Acesso em: 24 de outubro 2014.

SECUNHO, C. F. Aproximações e distanciamentos entre os princípios da resiliência e a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 19, n.1, p. 119-145, 2010.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. 4º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

SPITZ, René A. **O não e o sim**: a gênese da comunicação humana. 3º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

APÊNDICE